



**CENRO UNIVERSITÁRIO UNABETIM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

Ana Laura Romano dos Santos

Ana Luiza Rodrigues Assis

Bárbara Paraguai Marra

Maria Eduarda Pereira de Oliveira

EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Betim

2021/1

Ana Laura Romano dos Santos
Ana Luiza Rodrigues Assis
Bárbara Paraguai Marra
Maria Eduarda Pereira de Oliveira

EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada à disciplina TCC
Orientação I como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia pelo Centro Universitário UNA
Betim.

Professora Orientadora: Adriana Piva

Betim

2021/1

DEDICATÓRIA

Dedicamos esta monografia inteiramente aos nossos professores orientadores: a Adriana Piva, Rafael Inácio, Rosani Siqueira, que nos mantiveram focadas no caminho certo para a conclusão satisfatória deste projeto.

Gratas por toda paciência, orientação e palavra amiga.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, pelas nossas vidas e por ajudar a superar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos nossos pais, irmãos, amigos e familiares, que nos incentivaram nos momentos difíceis compreendendo nossa ausência enquanto nós, nos dedicávamos ao estudo.

Aos professores e mestres, pelas correções, conselhos e ensinamentos que nos permitiram a ter um melhor desempenho e aproveitamento no processo de formação profissional.

RESUMO

Estudos científicos em que possuem como abordagem a sexualidade no ambiente escolar, destacam a importância das crianças terem contato com o assunto desde os anos iniciais do ensino fundamental, de forma responsável e adequada, minimizando assim ao máximo os perigos causados pela falta de informação. A postura do educador na escola referente a tal temática é de suma importância para a qualidade do processo educacional. O presente estudo realizado teve como objetivo analisar a percepção de professores a respeito de suas práticas de ensino e dos desafios na abordagem da sexualidade no ambiente escolar. Para a concretização desse objetivo, foi realizada a revisão bibliográfica fundamentada em artigos acadêmicos, contando com pesquisas e reflexões de autores sobre tal temática. Com o intuito de enriquecer e embasar o estudo, contamos com a aplicação de um questionário com 11 (onze) perguntas discursivas, a 10 (dez) docentes atuantes em diferentes áreas. Durante toda a pesquisa identificamos que os educadores em parceria com a família são fundamentais na formação sexual da criança, além de ter sido identificado que os desafios, tabus, e limitações que tal tema traz consigo, apontados em várias obras literárias, ainda existem nos tempos atuais. A pesquisa apontou pensamentos tradicionais e receios de como realizar a abordagem, por isso, julgamos necessário o investimento na capacitação e formação continuada para que o docente desenvolva em si, como proceder nesse processo educacional da criança de forma sábia e eficaz no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Ambiente escolar. Formação Continuada. Qualidade de ensino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
<i>2.1. O conceito de sexualidade.....</i>	<i>10</i>
<i>2.2 História da educação sexual no Brasil.....</i>	<i>11</i>
<i>2.3 Os desafios de se trabalhar a sexualidade no contexto escolar.....</i>	<i>15</i>
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE.....	28

1 INTRODUÇÃO

Sexualidade é uma característica presente em toda a vida do ser humano, desde o nascimento à morte. Mesmo que os bebês nasçam sem valores sociais, culturais e opiniões formadas, desde pequenos eles aprendem sobre sexualidade, sendo pelo relacionamento afetivo que outro indivíduo estabelece com ele ou observando terceiros.

Os valores que cada família possui e espera que sejam seguidos pela criança, influenciam diretamente na educação desta.

Sexualidade, família e escola (ou qualquer instituição que se dedique à educação), devem ser pensadas a partir do princípio da “não-exclusão”, ou seja, sistemas que devem interagir entre si por meio de vinculação, união e respeito pelas diferenças (MEIRELLES, 1997 apud ALENCAR, p.161).

É certo, portanto, que a sexualidade engloba muito mais que apenas relações sexuais em si. Com toda essa abrangência é de suma importância que, no âmbito educacional, tal tema seja compreendido por profissionais da educação e tratado com os alunos de forma íntegra, profissional, clara e qualificada.

A sexualidade é inerente ao ser humano, e mesmo nos tempos atuais há inúmeros cenários em que as pessoas não conseguem lidar com situações voltadas para a temática, uma vez que as julgam como desconfortáveis de serem abordadas coletivamente, inclusive no ambiente escolar.

Olhando a sociedade como um todo, o tema precisa ser apresentado com normalidade para todos os indivíduos. A sexualidade é algo normal da natureza e dos seres vivos, mas vem sendo tratado como tabu em muitas sociedades, passando por várias gerações até chegar à atualidade quando muitos ainda enxergam o tema dessa forma.

Isso não impede, no entanto, que as pessoas, inclusive crianças e adolescentes, acessem informações a respeito no âmbito privado, com colegas, revistas, sites e produções audiovisuais pornográficas, adquirindo muitas vezes entendimentos e práticas equivocadas e permeadas por preconceitos e imprecisões.

Nesse sentido, a escola se faz como um ambiente oportuno quando levamos em consideração a necessidade de trabalhar sexualidade ao longo de toda a formação da criança e do adolescente. A educação sexual na escola unifica a prática da psicologia da educação com a formação humana.

O profissional possuindo um engajamento ao tema promove a socialização e a construção do pensamento crítico, proporcionando assim aos alunos o entendimento da realidade em suas diversas formas, agregando à compreensão deste sobre diversidade social. (MEIRA, *et all.* 2006).

Pareceu-nos necessário, portanto, analisar as percepções de professores a respeito de suas práticas de ensino e dos desafios da abordagem da temática sexualidade na escola. Como objetivos específicos da pesquisa, definimos a necessidade de aprofundar no conceito de sexualidade; analisar o processo de inserção da educação sexual na escola e o reconhecimento de sua relevância; e identificar os principais desafios enfrentados para tratar o tema da sexualidade na educação básica.

A pesquisa realizada nesse trabalho teve grande valia para nossa formação, na medida em que vamos atuar em ambientes escolares, e como boas profissionais devemos saber como agir, conduzir, trabalhar e instruir perante nossos estudantes em relação à temática da sexualidade. Segundo Figueiró (1998, p. 123):

É de conhecimento geral da população que, no final de 1997, o MEC oficializou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que, consoantes com a LDB n.9.394/96, consideram que a orientação sexual (termo do qual eu discordo) é um tema social e urgente, que precisa ser contemplado no curricular do ensino fundamental. Essa exigência pode, sem dúvida, dar nova força a história da Educação Sexual, que vem registrando um crescimento do interesse das escolas por educar sexualmente seus alunos, a partir do final da década de 80, mais especificamente, início da década de 90.

Para concretizar este trabalho, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, no intuito de descobrir e entender como é a Educação sexual no ambiente escolar e todas as vertentes que envolvam tal temática. As pesquisas qualitativas são caracterizadas quando há um planejamento através de questões ou problemas específicos e são utilizadas no decorrer da pesquisa questionários ou/e entrevistas. Realizamos inicialmente uma pesquisa bibliográfica, com base na produção acadêmica e em documentos oficiais sobre o tema sexualidade e educação sexual. Os principais autores utilizados foram Matoso (2013), Weeks (2020), Freud (2006) e Santos (2001). Utilizamos ainda uma entrevista que está em anexo. A revisão bibliográfica é apresentada no capítulo dois desta monografia, estando subdividido em tópicos relacionados a cada um de nossos objetivos específicos. Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada também uma pesquisa de campo, envolvendo a aplicação de questionário digital a 10 docentes da educação básica de diferentes áreas de atuação disciplinares. Apresentamos o

detalhamento desta pesquisa, bem como a análise de seus principais resultados no capítulo três. Por fim, no capítulo quatro desenvolvemos nossas considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. O conceito de sexualidade

Sexualidade é um termo que quando abordado no senso comum, é imediatamente relacionado ao ato sexual. Porém, a sexualidade se refere a muito mais que apenas sexo. Segundo a OMS citado por Matoso (2013, p 18):

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico.

Sendo assim, pode se dizer que o simples fato do viver humano pressupõe a sexualidade, abrangendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais que estão interligados. O conceito de sexualidade também foi discutido por Weeks, fazendo referência às reflexões de Michel Foucault, quando defende que a sexualidade seja pensada “(...) como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou o corpo e seus prazeres.” (WEEKS, 2010, p.43).

Por muitas vezes sexualidade também é considerada como sinônimo de genitália e a vida sexual é vista como apenas o ato de fazer sexo. Freud, já no início do século XX, traz ideias bem mais amplas sobre o tema, identificando o instinto sexual já na infância, detectando impulsos sexuais até mesmo em um recém-nascido.

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de “sexual “. Talvez a única definição acertada fosse” tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p.309).

No nascimento a criança possui em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas e é por meio dessas que experimenta os primeiros momentos de prazer, através da amamentação. Para Freud, “É pela boca que [a criança] começará a provar e a conhecer o mundo. É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio. O seio é o primeiro objeto de ligação infantil. É o depositário de seus primeiros amores e ódios” (FREUD, 1905 apud FIORI, 1981, p. 36).

Por muito tempo, acreditou-se que a sexualidade só se inicia na puberdade, mas, de acordo com Freud (2006), esse entendimento se dá, em parte, pela amnésia infantil que ocorre na maior parte das pessoas, encobrindo suas vivências durante os anos iniciais até os seis ou oito anos de idade.

A sexualidade da criança é formada por um processo longo, fazendo parte da vida de todo indivíduo desde o nascimento. As interações que a pessoa vai vivenciando no meio social permitem construir sua sexualidade, adquirindo conhecimento do seu corpo e até mesmo de sua identidade que está sendo formada, tanto em suas atitudes externas quanto internas e a maneira que lida com o mundo em sua volta. A criança começa a descobrir reações que o corpo pode devolver quando é tocado, principalmente no descobrimento de seu órgão genital, na amamentação, no carinho e entre outras inúmeras situações, sentido prazer sem este estar assimilado com o ato sexual.

Por ser algo que está presente na vida do indivíduo desde o nascimento, precisa ser encarada como um ponto importante na formação humana e necessário de ser trabalhado pela escola em seu currículo, portanto. Tal abordagem contribui para o desenvolvimento integral da criança, na construção de uma relação saudável e livre de preconceitos e mentiras sobre sua sexualidade e a do próximo. Vejamos, então, alguns elementos relacionados a como este tema vem sendo abordado na escola brasileira ao longo da sua história.

2.2 História da educação sexual no Brasil

No Brasil, as primeiras preocupações com a educação sexual surgiram na década de 1920 e tinha como objetivo acabar com a prática da masturbação, com doenças sexualmente transmissíveis e preparar mulheres para seu papel de mãe e esposa (COSTA, 1986). Uma proposta de programa de Educação Sexual foi aprovada pelo Congresso Nacional de Educadores nas escolas, em 1928, mas apenas com o público de crianças acima de 11 anos.

Segundo o autor, entre os anos de 1935 a 1950 houve o que foi considerado um retardo nas iniciativas ligadas a essa temática no Brasil, destacando a forte presença da Igreja Católica durante a década de 1950 no sistema educacional reprimindo a educação sexual.

Na década seguinte, a imposição da ditadura civil- militar reafirmou tal repressão. O que não impediu a apresentação de um Projeto de Lei à Câmara dos Deputados, em 1968, pela então deputada Júlia Steimburck, com vistas a implantar obrigatoriamente a educação sexual em todas as escolas do país e em todos os anos escolares. O Projeto de Lei não foi aprovado (SAYÃO,1997).

De acordo com Santos (2001) na década de 1980, houve grande repercussão do tema sexualidade, com a exposição de nudez, a popularização de *sex shops*, e a venda de revistas em bancas de jornais que davam acesso a respostas ao cidadão sobre sexo.

A década de 80 foi pródiga na veiculação de questões ligadas à Educação Sexual. A abertura política pela qual passou o Brasil trouxe significativas implicações no campo da sexualidade. Enquanto o povo fazia reivindicações políticas, escolhia seus representantes políticos e saía às ruas gritando “Diretas Já!”, as revistas “eróticas” publicavam fotos de mulheres e homens nus, até pouco tempo proibido. Os cinemas exibiam nas grandes cidades os chamados sex shops. Surgiram também, enciclopédias e fascículos vendidos em bancas de jornal, todos destinados a responder a questões sobre sexo. Essa década trouxe novos comportamentos, onde preconceitos foram questionados, foram derrubados e sólidas tradições conservadoras foram abaladas. (SANTOS, 2001, p.17).

A partir de meados dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação por HIV (vírus da Aids) entre os jovens.

No final da década de 1990, foram construídos os Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs) com o objetivo de ser uma referência e orientações pedagógicas para os profissionais da área educacional, e foram propostos pelo MEC para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país, incluindo o tema transversal da Orientação Sexual (SAYÃO,1997).

De acordo com o PCNs (BRASIL, 1997), acreditava-se que mesmo com as famílias apresentando uma grande resistência à abordagem dessa questão no âmbito escolar, ainda havia um forte desejo para se introduzir o tema nas escolas, tendo em vista que é de extrema importância sua discussão e de como as famílias ainda encontram dificuldades em abordá-lo com suas crianças e jovens. Duas décadas depois, a realidade tornou-se bem diferente, pois

estamos passando por uma onda de opressão extrema do direito das mulheres e de suas constantes lutas.

Hoje, encontramos mais dificuldades e menos apoio dos familiares para se trabalhar esse tema nas escolas, tendo em vista o crescimento constante de forças sociais conservadoras. No cenário atual do país, se faz cada vez mais necessário falar sobre sexualidade em nossas escolas, pois nossos jovens e crianças debatem o assunto com constante frequência entre eles, deixando passar informações e orientações que são fundamentais para terem uma vida sexual saudável e segura.

Há ainda profissionais inseguros quanto a essa abordagem em sala de aula, tendo em vista que não possuem formação adequada para o tema, dessa forma faz necessário que as instituições escolares ofereçam cursos de capacitação para os professores.

Assim, torna-se fundamental ser discutida a temática em sala de aula, pois a escola é um espaço privilegiado para oferecer essas orientações, já que é um local de intervenção pedagógica e fundamentada cientificamente em suas ações de ensino. Como argumenta Guimarães (1992, p.172), “[...] se é função da escola formar e informar para a vida, a orientação sexual não deve se apresentar como um apêndice”. Os professores podem ser agentes de mudança em seus locais de trabalho, uma vez que possuem o poder de gerar reflexões sobre a sexualidade e suas diferentes formas de expressão e assim poder contribuir na construção do autoconhecimento do aluno. (NARDI; QUARTIERO, 2012)

A discussão dessa temática em sala de aula precisa estar bem estruturada para promover uma construção positiva na vida, pode-se dizer que muitos professores não se sentem preparados, à vontade e nem cientes de sua responsabilidade de abordar a sexualidade em sala de aula, como explica Gavídia (2000, p. 24):

[...] existem professores que afirmam que sua tarefa exclusiva na escola consiste em ensinar certos conteúdos conceituais e não têm por que se preocupar com seus alunos [...] essa situação de desprezo às matérias transversais, às vezes torna patente um defeito no trabalho profissional dos professores.

Como vimos no primeiro tópico, as manifestações da sexualidade surgem desde o nascimento, a partir de curiosidades e dúvidas da criança sobre seu próprio corpo e o meio em que se insere.

[...] A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva [puberdade]. (FURLANI, 2009, p. 45)

No entanto, Saito e Leal (2000) enfatizam o quão ainda é difícil abordar esse tema em uma sociedade que quer excluir as meninas desses assuntos, enquanto no sexo oposto é vulgarizada e incentivada a prática sexual sem consciência alguma. Muitas pessoas ainda acham que o papel da prevenção é exclusivo da mulher, que teria que se prevenir usando anticoncepcionais, ideia que reforça conceitos machistas e oculta o papel fundamental que o homem também tem nessa relação.

Muitos pais questionam, não concordando com a educação sexual, pois acham que com a introdução do tema será incentivada a “vida sexual” mais cedo do que o desejado. Contudo, nos estudos de Saito *et al.* (2000) é corroborado que a introdução do tema nas escolas impacta diretamente na diminuição do índice de gravidez indesejada. Segundo Saito *et al.* (2000, p. 45):

A educação sexual é, sim, um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade.

A ausência de um local aberto para debates sobre temas relacionados à sexualidade vem juntamente com a falta de conhecimento e informações cientificamente embasadas, isso faz com que muitas das vezes sejam acessadas informações distorcidas sobre o assunto, o que acaba agravando e desestabilizando o desenvolvimento da sexualidade de adolescentes. É justamente a ausência de uma educação sexual segura e embasada o que na maioria das vezes, os leva a iniciar a vida sexual sem proteção adequada, estando expostos as infecções e até mesmo uma gravidez indesejada (MANTOVANI *et al.*, 2014).

Neste sentido, destaca-se o ambiente escolar, que deve abrir espaço para os alunos entenderem as diferenciações e conceitos, trazendo um autoconhecimento de como eles se identificam e se relacionam de uma maneira segura e agradável. Entendendo assim a forma de

vivência da sexualidade, que pode ocorrer com qualquer outra pessoa, independente do sexo, ou simplesmente não ocorrer, também sendo uma forma de orientação sexual.

Com isso, a escola e o corpo docente devem se preparar para abordar os conceitos e experiências que envolvem o tema “sexualidade”, tornando-se capazes de formar cidadãos conscientes e seguros de suas decisões. Compreendamos, então, no próximo tópico, um pouco mais sobre os desafios de implementação da educação sexual na escola.

2.3 Os desafios de se trabalhar a sexualidade no contexto escolar

Como discutido no tópico anterior, ainda hoje existem pessoas que compreendem que é necessário trabalhar algumas temáticas em sala de aula, por acharem que não está no momento adequado e nem na faixa etária ideal, como a sexualidade. Os pais muitas vezes não têm um conhecimento fundamentado, ou não se sentem à vontade para orientar seus filhos e instruí-los quanto à sexualidade, e deixam de dar respostas aos questionamentos dos filhos sobre seu corpo, como nasceram, a relação com o outro e todo esse descobrimento de si e do mundo que o cerca. Se os pais e as mães não possuem informações sobre sexualidade, nem vivenciaram um processo de educação sexual na escola quando crianças e adolescentes, o mesmo pode ocorrer com os docentes. Segundo Braga:

Além da própria experiência pessoal, os (as) educadores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio [...]. Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional. (BRAGA, 2009, p.133).

Os professores precisam estar em constante formação para a busca dos conhecimentos, para que, assim, possam promover uma abordagem eficaz e que irá melhorar a qualidade de vida do seu aluno, não só no ambiente escolar, mas em toda sua postura e conduta, inclusive durante a vida adulta. Portanto, a formação continuada de professores é fundamental em torno da temática da sexualidade. Segundo Camargo e Ribeiro (1999), um dos aspectos que precisam ser abordados nessa formação diz respeito à perspectiva teórico-metodológica que fundamenta a educação sexual:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.50).

Saito (2000), vai ainda mais adiante, discutindo elementos que devem estar presente na educação sexual, a qual não pode estar restrita a uma abordagem meramente biologista ou médica:

Não basear a orientação sexual no uso de preservativo ou método anticoncepcional, mas no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações o que favorece o desenvolvimento da cidadania e o compromisso consigo mesmo e com o outro. Essa proposição não invalida o fato de ter sempre presente a anticoncepção como parte relevante da proposta preventiva. Ela envolve conhecimentos sobre sexualidade, reprodução e prazer. Métodos anticoncepcionais deverão ser desmistificados, com o reconhecimento do baixo risco das pílulas, da ineficácia do coito interrompido e da eficiência dos preservativos, também usados para proteger a vida. (p. 46)

Segundo Saito (2000) não devemos basear a educação sexual na explicação sobre métodos contraceptivos, mas sim lembrando a sociedade de que devem respeitar seu próprio corpo e o das demais pessoas de seu convívio, tendo e exercendo parte importante no desenvolvimento da cidadania.

Diniz (2008) nos lembra de que a diversidade cultural tem sido um tema bastante exposto pela mídia em publicidades, novelas e outros canais acessíveis aos jovens, com isso a escola se vê forçada a debater sobre o tema em sala de aula, pois os alunos estão fortemente inseridos nesse contexto o que os leva a apresentar vários questionamentos e discussões sobre.

Com isso, nos leva a reflexão de como trabalhar com nossos jovens para desconstruir os estereótipos implantados pela sociedade, para que ele se reconheça e consiga abrir sua mente para as novas possibilidades em que vivemos, aceitando e respeitando a si próprio e também as escolhas e características do outro. Com isso, devemos levar casos reais para dentro de sala, mostrando a eles a importância de se acabar com esse preconceito e disseminar a ideia da diversidade.

De acordo com Saito *et al.* (2000), alguns princípios básicos devem ser estabelecidos para que a atuação dos professores tenha resultados significativos. Como nos diz Souza *et al.*

(2017), muitos professores reconhecem a importância de se destacar a educação sexual no processo de aprendizagem dos alunos.

Porém, pela falta de capacitação ainda não se sentem seguros ao debater questões da sexualidade na escola, tornando-se a adequada formação docente para o tema da sexualidade outro grande desafio para implantação da educação sexual na escola. Segundo Figueiró (1998, p. 123), a preparação para atuação em qualquer área de conhecimento, requer muito conhecimento dos profissionais acerca de desenvolver trabalhos sobre sexualidade para jovens e adolescentes.

A escola deve também envolver as famílias no diálogo sobre sexualidade, promovendo eventos que possa falar da importância de se tratar a temática e orientar as crianças de forma eficaz e saudável. Porque, por mais que a escola cumpra com seu papel de ensinar, há uma necessidade de que a família compreenda e apoie esse trabalho, fazendo também a sua parte, de instruir a criança a maneira certa de cuidar do seu próprio corpo e de valorizá-lo. E com isso, a parceria de família-escola precisa estar bem estabelecida, para que tudo se mantenha alinhado.

A interação família-escola torna-se fundamental, para que a sexualidade não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes. Deve-se ter em mente que a tarefa da educação sexual pode ser emocionalmente custosa aos professores, uma vez que são pertencentes a uma cultura carregada de equívocos e tabus, e nem sempre, se sentem disponíveis, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade. (BUENO; MOIZÉS, 2010, p.3)

É importante o professor ter encontros juntamente com a equipe gestora e pontuar aspectos que podem ocorrer no dia a dia com os alunos que necessitam de uma intervenção. Podem surgir situações compulsórias, inconvenientes e anormais com alguns alunos, sendo assim se faz necessário diálogos com as famílias e coordenação escolar, para que seja identificado a causa desse acontecimento ou se há relação apenas com processo de autoconhecimento.

Questões complexas, como a identificação de situações de abuso sexual, podem surgir neste processo, e professores e escolas precisam estar cientes da rede de proteção à criança e ao adolescente, e de como acessá-la adequadamente. Assim, conhecer, saber como acessar e participar do fortalecimento desta rede de proteção é outro desafio posto aos professores e à escola.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Como apresentado na Introdução, esse trabalho foi baseado numa pesquisa de caráter qualitativo. Além da pesquisa bibliográfica foi realizada também uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de um questionário, utilizando a ferramenta do Google Formulários, onde inserimos 11 perguntas abertas (vide o apêndice desta monografia), e encaminhamos o link para preenchimento diretamente aos sujeitos participantes, incluindo professores de diferentes áreas. O questionário foi aplicado durante o mês de junho, e foi respondido por dez professores.

A pesquisa registrou se há um preparo pedagógico de intervenção dos professores para com os alunos, mediante a manifestações do descobrimento de si e de tudo que envolva a sexualidade da criança, sem que haja um bloqueio pelos docentes e sim a orientação, quando deparados com tais manifestações e desejos, e seu direcionamento sobre a importância que cada criança deve tomar com seu corpo, uma vez em que a sexualidade está presente na vida de todos.

A sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas, é universal e, ao mesmo tempo, singular para cada indivíduo, envolve, aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade, práticas, atitudes e simbolizações. (BUENO; MOIZÉS, 2010, p.2).

A primeira questão questionou a formação inicial dos profissionais entrevistados. Tivemos uma diversidade bem grande: Letras, Psicopedagogia, Geografia e Meio Ambiente, Magistério e a grande maioria em Pedagogia.

Em seguida na pergunta dois, para sabermos exatamente o público em que os profissionais atuavam pedimos para que eles respondessem em qual ano e qual disciplina eles atuavam. As respostas também foram bem variadas, partindo da Educação Infantil a Ensino Fundamental, abrangendo a maioria das matérias presentes no currículo. Vejam abaixo a tabela identificando os respondentes de acordo com idade, formação e etapa da educação básica para a qual leciona, tal qual identificado nas primeiras duas questões:

PROFESSOR/A	IDADE	FORMAÇÃO	ETAPA EM QUE LECIONA
P1	28	Pedagogia	1º período, na educação infantil
P2	30	Mestranda	Não leciona
P3	34	Pedagogia	2º período, na educação infantil.
P4	31	Letras	Ensino Fundamental 2
P5	28	Pedagogia	5º ano do ensino fundamental
P6	22	Cursando pedagogia	Anos iniciais
P7	29	Pedagogia	Educação Infantil
P8	37	Pós-graduada	Ensino Fundamental 2
P9	27	Geografia	Ensino Fundamental 1
P10	41	Pedagogia	Fundamental 1

Após sabermos a formação e atuação de cada profissional, foi questionado a estes, na terceira pergunta, sobre a melhor forma de se abordar essa temática e se os mesmos acreditavam em uma idade adequada para iniciar esse processo pedagógico. P2 respondeu: “não acredito que tenha uma idade inicial, eu acredito que existam “limites” que devem ser respeitados. Uma boa forma de fazer isso é apurar o conhecimento prévio das crianças, para conseguir traçar até onde podemos e devemos ir. Quando falamos de sexualidade, educação sexual na infância, é voltado para a ideia de consentimento, de respeito ao corpo, da descoberta do próprio corpo. Vale lembrar que sexualidade está associada às interações sociais, sendo assim acredito que quanto mais avançamos, mais os conhecimentos prévios e a consciência sexual vão mudando, podendo aprofundar mais nos assuntos. ”

A grande maioria dos respondentes foi pelo mesmo pensamento, em que se teria que começar a abordar de forma leve, conhecendo a individualidade de cada aluno para não gerar nenhum tipo de constrangimento e invasão, não extrapolando os limites, mas trabalhando de acordo com a necessidade de cada turma. Alguns falaram que tal tema deve ser abordado desde os anos iniciais do ensino fundamental. A idade de dois anos foi citada pela professora 7: “A partir de 2 anos de idade. No início do desfralde, controle de esfíncteres. Enfatizando de forma leve de acordo com a especificidade da criança.” Pois é onde geralmente começam com o desfralde e é quando a criança começa a entender sobre os limites de seu corpo.

Por outro lado, a professora8, acredita que o ideal seria a partir do 5º ano, apesar de achar que pode ser introduzido de acordo com a curiosidade de cada um. A partir das respostas a esta questão, entende-se que há um receio de se trabalhar o tema, não somente pela insegurança em introduzir muito cedo, mas também de como tratar em um ambiente escolar.

É comum entre as/os profissionais da educação um posicionamento, senão oposto, pelo menos neutro a respeito da abordagem de tais assuntos. E isso se justifica pela falta de conhecimento, pelos valores arraigados e/ou pelo receio de que o resultado do trabalho seja interpretado negativamente. (PARANÁ, 2009, p.15).

Na educação, há sempre a necessidade de se atualizar e capacitar nos assuntos gerais e específicos para que assim possamos conseguir acompanhar as novas gerações, não deixando de trabalhar temas importantes e necessários na formação da criança.

Na quarta pergunta, entramos mais no âmbito individual de cada professora, perguntando se a formação de cada uma lhes ofereceu subsídios adequados para a tematização da sexualidade em sala de aula. P7 e P8 enfatizaram que o tema era visto como tabu e inapropriado para se abordar com crianças, não tendo sido, portanto, tratado durante seu período de formação. Entretanto, a professora P8 teve acesso à educação continuada seja através de cursos ou palestras, ela nos diz: “Sim. Na escola há uma psicóloga que orienta alunos e professores. Ela desenvolve um projeto com os alunos do 5º ano.”

Ainda hoje, quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos. É preciso compreender que a sexualidade é parte integrante e indissociável da pessoa, não implicando necessariamente em seu aspecto reprodutivo, e que valores sexuais e

estilos de vida podem ser vivenciados de modo diferenciado de uma pessoa para outra. Numa sociedade, a diversidade de valores e crenças é fato natural. (BUENO; MOIZÉS, 2010, p.2).

Por existir esses inúmeros tabus e resistência a trabalhar temas específicos como este, e após analisarmos as respostas da questão 4, percebemos que muitos docentes são resistentes a essa temática. Dessa forma, os cursos de educação continuada são necessários, oferecendo aos professores metodologias atuais e adequadas às necessidades de seus estudantes e da sociedade atual. Foi notável essa precariedade de formação continuada na maioria das respostas, através da quinta pergunta em que foi questionado sobre a formação continuada, com o intuito também de saber se a atual instituição em que as entrevistadas trabalham, oferecem algum tipo de formações aos docentes com o tema voltado para o ensino de sexualidade, e as respostas ficaram divididas.

Algumas possuem suporte através de psicólogas que estão à frente de projetos e orientação de professores, mas a grande maioria infelizmente não tem nenhuma formação continuada sobre esse tema, o que denota um desinteresse das escolas e redes de ensino em propiciar a tematização da sexualidade na escola. Essa falta de oferta de instrução aos profissionais da área da educação para lidarem melhor com tal tema acaba fazendo com que este ele fique ausente ou mal trabalhado na escola. Mampri (2009) aponta justamente que “A Educação sexual realizada nas escolas atualmente tem ocorrido de maneira incipiente, sem uma organização e planejamento e ainda, não se contata esta abordagem dentro das unidades didáticas, ou seja, as disciplinas.”(p. 5).

Foi perguntado, na sexta questão, quais eram as dificuldades encontradas por eles em abordarem essa temática com seus alunos. A grande maioria citou os pais como um empecilho para essa abordagem, tendo em vista que geralmente a família associa a educação sexual com relação sexual, sendo que ambas são diferentes. São milhares de possibilidades que precisamos trabalhar com nossas crianças dentro dessa temática. Outras professoras também enfatizaram que não receberam e não recebem formações adequadas para ajudar a introduzir esse assunto, e por isso não se sentem seguras, relacionando também a “invasão” que pode ser para as crianças se trabalhado de forma equivocada, assim a professora P9 respondeu: “maturidade dos alunos de forma homogênea. Muitos tem vergonha e se negam a participar.”

Na sétima questão foi apresentada uma situação relacionada justamente ao um possível incômodo dos pais sobre a introdução desse tema a seus filhos. A professora 1

respondeu que tentaria explicar que sexualidade não é só sobre sexo, mas sim, sobre o corpo, consentimento, insegurança, limites, trabalhando seu autoconhecimento. De fato, a sexualidade é algo inerente ao ser humano, mas ainda mal interpretada e não aceita por todos. Saito e Leal (2000, p. 45) abordam a amplitude com que a sexualidade deve ser tratada:

talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade.

Citando que antes de falar sobre sexualidade os profissionais devem procurar entender o que as crianças já sabem sobre esse assunto, nunca ultrapassando nenhuma barreira, ou seja, impondo a temática em sala de aula quando alunos não estão a vontade, mas sempre ensinando e ajudando para o entendimento sobre suas mudanças e reações. A professora 5 respondeu que “tentaria conversar no sentido de que a criança já se descobre desde cedo, e que essas descobertas precisam ser orientadas para que elas possam aprender a cuidar do seu próprio corpo de maneira correta e saudável.”

Silva (2007) estuda sobre o tema sexualidade na escola, e em seu artigo define que os educadores devem procurar serem participativos, coordenando às ações desenvolvidas na escola, procurando provocar o debate e a crítica dos estudantes durante as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Na oitava foi perguntado se os professores em questão tiveram quando crianças ou adolescentes algum tipo de orientação familiar a respeito da sexualidade, e se sim, para relatar como foi essa experiência; se não, para nos dizer se sentiu falta desse processo em algum momento de sua vida. A grande maioria respondeu que não obtiveram informações sobre sexualidade em seu ambiente familiar, pois os pais eram conservadores ou não tinham segurança para fazer tal abordagem, e quando precisaram de alguma informação tiveram que explorar “sozinhos”, utilizando outros métodos. A minoria enfatiza que esse foi um tema trabalhado com naturalidade e segurança pelos pais, com livros, cartilhas e conversas construtivas. Como citado pela professora 1: “Sim. Minha mãe abordou através de livros, que trabalhavam tanto a compreensão do nosso corpo, sobre o consentimento, sobre o ato sexual, as doenças, métodos contraceptivos etc.”

Já a professora 10 respondeu: “Não tive essa temática trabalhada em família como deveria. Foi uma questão muito difícil para mim. Procuo trabalhar com meus filhos de maneira natural para que eles se sintam seguros na abordagem desse assunto tanto em família quanto na vida.”

Na questão 9 foi levantando o seguinte questionamento: Supondo que a escola esteja trabalhando o tema sexualidade com os alunos e percebe que algum dos alunos apresenta restrição ou comportamento desconfortável em relação ao assunto, além de apresentar falas que demonstram o medo do autoconhecimento. Você, como profissional, como abordaria isso? Levaria o caso para ser esclarecido com a família e coordenação, ou resolveria na própria aula (no momento)? Por que você agiria assim?

A maioria das respostas seguiu o mesmo pensamento, de que iriam resolver no particular com o aluno, levariam à supervisão e só depois aos pais, até porque essa questão pode estar vindo da própria família, então haveria todo um processo de entendimento do caso para só depois terem essa conversa com os pais. Entretanto, vale ressaltar a importância em acionar os órgãos competentes para tratar esses casos, muitos alunos reproduzem na escola o que vivenciam em casa.

Na décima questão, questionamos se os professores concordam que a Educação Sexual faça parte das responsabilidades da escola. Todos os professores deixaram claro que a escola tem um grande papel na abordagem desse tema em sala de aula, mas sempre tendo consciência do peso que tal assunto representa para as crianças para não violarem seu espaço e individualidades. Também enfatizaram que a escola não trabalha sozinha, e que esse tema está diretamente ligado às famílias, tendo em vista a importância da parceria entre as duas partes para uma educação de êxito. Moura e Leite (2019) chamam a atenção sobre a importância de se debater o tema sexualidade em diversos ambientes, principalmente na educação, a qual tem fator importante na preparação dos indivíduos.

E para finalizar, perguntamos quais devem ser os objetivos da Educação Sexual na escola, na visão dos respondentes. As respostas foram diversas, onde enfatizaram a importância do autoconhecimento, dos direitos e cuidados com seu próprio corpo, também de como esse tipo de tema diminui o índice de gravidez indesejada e precoce. A professora 10 citou que: “a criança aprenda de uma forma natural, sobre os cuidados a ser tomados com o

corpo de uma forma geral e as possíveis consequências para aqueles que não se cuidam. Até a forma que o outro pode tocar em seu corpo. (permissão e ação).”

Assim, foi observado que a escola nesse momento não é o ambiente mais agradável para se abordar o assunto, pelas perspectivas dos respondentes, dessa forma é preciso conversar com a família na qual essa tem sido uma das principais barreiras em trabalhar o tema proposto nesse trabalho. Dessa forma é necessário trabalhar essa temática em sala de aula para que os alunos conheçam seu corpo e que os mesmos possam ficar atentos aos casos de abusos sexuais e assim a família saber o que fazer.

O fato de termos conseguido reunir entrevistados de áreas educacionais e idades diferentes, traz a compreensão que mesmo com a evolução da sociedade e a mudança constante do ser humano, alguns tabus e tradições são difíceis de serem quebrados. Foi revelado através as repostas deixadas no questionário que, ainda existe espanto e falta de interesse das instituições em qualificar e concretizar de maneira correta o ensino da sexualidade, muitas vezes julgando até desnecessário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade faz parte da experiência humana e a escola tem uma função importantíssima na formação de vidas, tanto na construção de conhecimentos intelectuais quanto comportamentais, sociais e o autoconhecimento de si. Por isso, é fundamental que os profissionais da educação atuem nos ambientes escolares sabendo como proceder, trabalhar, conduzir e instruir os alunos, para que eles possam evoluir e conseguir dominar sobre suas vontades.

A escola é um dos lugares mais propícios para introdução do tema, pois é nela que deveriam ser encontrados profissionais capazes de lidar com essa situação, de tratar o assunto com responsabilidade e informações fundamentadas cientificamente, de passar confiança para os alunos para terem mais liberdade para questionamentos.

O profissional, agindo de forma leve, trabalhando a temática de sexualidade sem tabus, conseguirá atingir os medos, as inseguranças e dúvidas da criança, enfrentadas no decorrer de sua formação, e assim, poder vincular com a família aquilo que pode ser solucionado e tornar esse processo de autoconhecimento natural.

Vimos, no entanto, que nem sempre há um suporte nas instituições, apoiando os profissionais em sua formação sobre o tema e nas maneiras de abordagem em uma sala de aula. O que não significa que esta responsabilidade seja apenas da instituição, pois o profissional também não se deve acomodar em seus conhecimentos, mas sim sempre procurar evoluir e atuar de forma contínua e sólida.

A pesquisa trouxe conhecimento sobre o que é a sexualidade e como podemos atuar em sala de aula, promovendo segurança nessa formação das crianças, neste momento de descobrimento, curiosidade, experimentação e domínio sobre si. Nossos objetivos foram alcançados, pois verificamos através da participação dos docentes que na sociedade atual há a necessidade de se ampliar a temática na rede de ensino e na formação do profissional. Além de trazer posicionamentos e pensamentos de autores, que enfatizam sobre a sexualidade ser algo presente na vida de todos, e que não há motivos, portanto, para não se trabalhar e responder a dúvidas dos alunos, que estão no ambiente escolar justamente para adquirir um conhecimento cientificamente fundamentado, confiável e que poderão levar para o resto de suas vidas. Por isso a importância de se portar com sabedoria na abordagem da sexualidade, e se ter domínio do conteúdo que está sendo ensinado ao aluno.

Quanto aos desafios de implementação da educação sexual na escola, além de verificarmos a problemática de muitos professores não saberem como introduzir tal tema em sala de aula, existem paradigmas e restrições diretamente relacionados a muitas famílias, que não aceitam que a escola trate desta questão. Assim, se faz necessário conscientizar não só os profissionais sobre a importância de trabalhar o tema, mas também passar segurança para a família, sobre o quão valioso é receber ensinamento diretamente de profissionais, que podem agregar valores, experiências e conceito sem que a própria criança busque por respostas, que por muitas vezes podem achar de forma errônea, em conteúdos equivocados e repletos de imprecisões e preconceitos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Camila, MARTELLI, Andréia Cristina. Escola e educação Sexual: uma relação necessária. **Seminário de pesquisa em educação da região sul**. Unoeste, 2012.

CASAROTTI, Magda Helena B. **Sexualidade na Educação Infantil**: Impasses dos professores diante das questões das crianças. UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-84JP7H> . Acesso em: 06 de maio de 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3.ed. rev. e atual. Londrina: EdueL, 2010.

FIGUERÓ, Mary Neide Damico. Revendo A História Da Educação Sexual No Brasil: Ponto De Partida Para Construção De Um Novo Rumo. **Nuances**: estudos sobre educação, Londrina, v. 4, n. 4, p.123-133, set. 1998. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/84>. Acesso em: 25 junho. 2021.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria**: Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

MATTOSO, Suelen et al. **Roda de Conversa sobre sexualidade**. Disponível em:<https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2014/11/sexualidade_roda-de-coversa.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2021.

SAITO, M. I. & LEAL, M. M. **Educação sexual na escola**. São Paulo, *Pediatria* 2000, 22(1) : 44-48.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p.107-117.

SILVA, Regina Célia P. da; NETO, Jorge M. Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**, São Paulo, v.12, n.2, p. 185-197, 2006.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade in **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Autêntica Editora, 2010.

ZOMPERO, Andreia Freitas et al. A temática sexualidade nas propostas curriculares no Brasil. **Revista Ciências & Ideias**, Londrina/PR, Brasil, v. 9, n.1, p. 101-114, 2018.

APÊNDICE

Questionário aplicado:

1. Qual sua formação inicial?
2. Quais disciplinas e em qual ano escola você leciona?
3. Várias formas e métodos de ensino são levados em consideração, no ambiente escolar, quando o assunto é sexualidade. Na sua opinião de docente, qual a melhor forma de ensinar esse tema? Acredita que há uma idade adequada para iniciar essa formação? Comente.
4. Considera que sua formação inicial lhe ofereceu subsídios adequados para a tematização da sexualidade na escola? Comente.
5. Em relação à formação continuada, sua escola, ou rede de ensino na qual está inserida, oferece formações voltadas à temática da sexualidade?
6. Quais são suas maiores dificuldades em aplicar essa temática em sala de aula?
7. Suponhamos que uma mãe chegue até você dizendo que o filho é muito novo para falar sobre sexualidade, você como docente o que diria a essa mãe? O que faria nessa situação?
8. Sabemos que a maioria das famílias apresenta uma grande dificuldade em abordar sobre sexualidade dentro de suas casas, muita das vezes por não terem informações suficientes para isso, e em outras por simplesmente não saberem iniciar esse assunto por vergonha ou insegurança. Você foi uma criança ou jovem que teve essa temática trabalhada em seu ambiente familiar? Se sim, conte-nos como foi essa experiência e que benefícios isso trouxe para sua vida. Se não, sentiu falta em algum momento e/ou sofreu alguma consequência por isso?
9. Supondo que a escola esteja trabalhando o tema sexualidade com os alunos e percebe que algum dos alunos apresenta restrição ou comportamento desconfortável em relação ao assunto, além de apresentar falas que demonstram o medo do autodescobrimento. Você, como profissional, como abordaria isso? Levaria o caso para ser esclarecido com a família e coordenação, ou resolveria na própria aula (no momento)? Por que você agiria assim?
10. Para você, a educação sexual deve fazer parte das responsabilidades da escola? Por que?
11. Qual, afinal, devem ser os objetivos da educação sexual na escola?